



COLÓQUIO
INTERNACIONAL
PROJETOS
EDITORIAIS
REPÚBLICA E
ESTADO NOVO

09 - 10 DE NOVEMBRO DE 2017

**COLÓQUIO
INTERNACIONAL
PROJETOS
EDITORIAIS
REPÚBLICA E
ESTADO NOVO**

09 DE NOVEMBRO DE 2017

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade NOVA de Lisboa

Av. De Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa

AUDITÓRIO 1, TORRE B

10 DE NOVEMBRO DE 2017

Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa

Largo da Academia Nacional de Belas-Artes,
1249-058 Lisboa

AUDITÓRIO LAGOA HENRIQUES

A produção de suportes visuais gráficos e imagéticos, seja na configuração de livros, revistas, guias turísticos, álbuns ou foto-livros, ocupa desde inícios do século XX um importante lugar no mundo dos projectos editoriais. Pareceu-nos, pois, pertinente investigar as práticas de produção destes artefactos visuais e textuais onde os processos de desenho, gravura, aguarela, pintura ou fotografia convergem em inovadoras estratégias editoriais e formas dinâmicas modernas, com o objectivo de captar novos leitores.

Em Portugal, diversos projectos editoriais nascem com a República, como a revista *Orpheu* (1915) ou o *Portugal Futurista* (1917). A emergência do experimentalismo gráfico e a necessidade cada vez maior de informar através de imagens coincidem com novas formas de publicidade artística, abrindo novas relações entre o texto e a imagem. A revista *Ilustração Portuguesa*, iniciada em 1906, deu um protagonismo ímpar à fotografia. Os anos 20 vêem aparecer os magazines. Surgem as revistas de moda feminina, como a *Voga* (1927) e a *Eva* (1925-1989). Na nova sociedade de massas dos anos 30, o *Notícias Ilustrado* (1928-1935) é a primeira revista a ser impressa em rotogravura.

Textos e fotografias passam a imprimir-se simultaneamente e as imagens entram na casa de todos. Nascia a fotografia impressa de massas e a fotografia pública (Horacio Fernández, 2000). Os periódicos e as revistas ilustradas tornam-se, então, janelas para o mundo e perspectivam-no, transformando-se em excelentes veículos de propaganda dos regimes autoritários e totalitários. As edições do Secretariado da Propaganda Nacional de António Ferro inserem-se dentro desse fenómeno. Deixar-nos-iam inúmeros exemplos de projectos editoriais entre revistas, como a *Panorama, Revista de Arte e Turismo* (1941-1974) ou a revista de propaganda colonial *Mundo Português* (1934-1947), ou álbuns fotográficos, como *Portugal 1934* e *Portugal 1940*; e ainda livros, guias ou catálogos de exposições. Nas décadas seguintes são exemplos das potencialidades gráficas desses anos a revista *Almanaque* (1959-1961) ou *Um País que importa conhecer* (1972). Simultaneamente, à propaganda feita pelo regime, a censura férrea impunha graves limitações à liberdade de expressão. Apesar disso, nascem notáveis projectos editoriais no campo das contra-imagens e dos contra-discursos sendo um dos primeiros *As Mulheres do meu País* (1948), obra da escritora feminista Maria Lamas; e, na década seguinte, o foto-livro de Costa Martins e Vitor Palla, *Lisboa, Cidade Triste e Alegre* (1959).

Este Colóquio internacional pretende discutir a importância dos projectos editoriais nas suas várias vertentes conceptuais e práticas. Como objectos de mediação entre os autores/artistas/designers gráficos e o seu público, importa estudar estas publicações, averiguando de que forma elas são afectadas pela ideologia e pelo poder político e de que modo são capazes de criar discursos próprios para responder aos seus objectivos comunicacionais. Assim, o Colóquio tem por intenção analisar as estratégias gráficas e discursivas desenvolvidas na transmissão de um dado conteúdo, no que diz respeito ao *design* gráfico, às escolhas visuais e suas tipologias (desenho, fotografia, ou outras formas de representação e de experimentação imagética, como a fotomontagem e as imagens híbridas), assim como às opções tipográficas, à relação texto-imagem, à estrutura da narrativa visual e aos processos de produção autoral.

Integrado num conjunto de iniciativas e actividades que se desenrolam no âmbito do Projecto de investigação "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)" [FCT - PTDC/CPC-HAT/4533/2014], o Colóquio realiza-se em parceria

09

NOVEMBRO

Faculdade de
Ciências Sociais
e Humanas
Universidade
Nova de Lisboa

Auditório 1,
Torre B

MANHÃ

09h00 - 09h30

Abertura

09h30 - 09h45

Boas-vindas pela Directora do IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

09h45 - 10h30

Política y Fotolibros,
Horacio Fernández

10h45 - 11h00

Pausa para café

Sessão 1

**Projectos Editoriais,
Arquitectura e Ideologia**

Moderador: Filomena Serra
(IHA, FCSH, Universidade
NOVA de Lisboa)

11h00 - 11h20

*O Projeto Editorial de Raul Lino
sobre as Casas Portuguesas
(1918, 1929, 1933)*

Fernando António Baptista Pereira

11h20 - 11h40

*Arquitectura Escolar e o Estado
Novo: projectos editoriais
de divulgação e propaganda
do edifício escolar*

**Ana Fernandes, Maria Bacharel,
Alexandra Alegre**

11h40 - 12h00

*A Thousand-Year Reich
to be seen: the catalogue
of the 1941 Modern German
Architecture exhibition*
Eduardo Cintra Torres

12h00 - 12h20

*A Imagem Fotográfica das Obras
Públicas como Rosto da Nação.
O Projecto Editorial "15 anos
de Obras Públicas (1932-1947)"*
Paula André

12h20 - 12h40

Debate

12h40 - 14h30

ALMOÇO

TARDE

Sessão 2

**Estruturas Narrativas
e sua Forma de Comunicação**

Moderador: Margarida Medeiros
(CIC Digital, FCSH, Universidade
NOVA de Lisboa)

14h30 - 14h50

*Sobre o projeto Tele-escola:
a aproximação possível do Estado
Novo às tecnologias educativas*
João Paulo Queiroz

14h50 - 15h10

*A contratação de uma
consultora de comunicação
para a promoção de Salazar
e de Portugal nos EUA (1950-55)*

Vasco Ribeiro

15h10 - 15h30

*Entre narrativa gráfica
e representação: Aspectos
da participação portuguesa na
Exposição Internacional de 1937*
Paulo Baptista

15h30

Debate

15h50

Pausa para Café

Sessão 3

**Projectos Editoriais e
Propaganda**

Moderador: Goffredo Adinolfi
(CIES / Instituto Universitário
de Lisboa / ISCTE IUL)

16h10 - 16h30

*Do Bandarra à Panorama
(1.ª série): quando a
autopropaganda se tornou
decisiva para António Ferro*
José Guilherme Victorino

16h30 - 16h50

*A Revista Panorama (1941-1973):
Um Projecto Editorial
de Longa Duração*
José Oliveira e Israel Guarda

16h50 - 17h10

*Imagens do "ideal" de mulher
num projecto editorial de
propaganda estado-novista:
o caso do Boletim da Mocidade
Portuguesa Feminina (1939-1947)*
**Bruno Marques, Israel Guarda,
Daniela Silva**

17h10 - 17h30

*A Jornalista, o Ditador
e o PIDE-Fotógrafo. Fotografia
Impressa, Propaganda e Retóricas
do corpo em "Salazar na Intimidade"
de Frederic P. Marjay*
Filomena Serra

17h30 - 17h50

Debate

10

NOVEMBRO

Faculdade
de Belas Artes
Universidade
de Lisboa

Auditório
Lagoa
Henriques

MANHÃ

09h00 - 09h30

Abertura

09h30 - 09h45

Boas-vindas pelo Director do CIEBA: Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

09h45 - 10h30

Fotografia, montage y mitografia: Los Álbumes del SPN 1934-1940

Javier Ortiz Echagüe

10h45 - 11h00

Pausa para Café

Sessão 4

Projectos Editoriais e Experimentação Visual

Moderador: Javier Ortiz Echagüe (Universidade de Navarra)

11h00 - 11h20

Propaganda e montagem: Os álbuns do Secretariado da Propaganda Nacional

Natasha Revez

11h20 - 11h40

A Construção de uma "ideia factográfica" de país: do Notícias Ilustrado (1928-1935) ao álbum fotográfico Portugal 1934

João Parreira

11h40 - 12h00

Imagens Fugazes e triunfais. As viagens presidenciais às colónias, 1938/39

Susana Lourenço Marques

12h00 - 12h20

Debate

12h20 - 14h00

ALMOÇO

TARDE

Sessão 5

Palavra, Texto e Imagem

Moderador: Fernando António Baptista Pereira (CIEBA - Faculdade de Belas Artes Universidade Lisboa)

14h00 - 14h20

O Poema Tipográfico Subversivo. O desenho da tipografia e as estratégias linguísticas de subversão ideológica na obra impressa de Salette Tavares e de Ernesto Melo e Castro

Jorge dos Reis

14h20 - 14h40

Preparar o futuro": uma aproximação aos projetos e processos da Poesia Experimental Portuguesa

Mariana Marín Gaspar

14h40 - 15h00

A revista Panorama: imagem e texto ao serviço de um discurso

Ana Quintas

15h20 - 15h40

Paredes Pintadas da Lunda - entre a etnografia, a ideologia e a arte

Teresa Matos Pereira

15h40 - 16h00

Debate

16h00 - 16h15

Pausa para Café

Sessão 6

Imagens e Contra-Discursos

Moderador: Horacio Fernández

16h15 - 16h35

Projectos Editoriais Contra-discursivos: Publicações em Fascículos, Livros Ilustrados & Fotografia Impressa nas Décadas de '1940 a '1960

Manuel Villaverde Cabral

16h35 - 16h55

O projecto gráfico da revista Almanaque

Sofia Leal Rodrigues

16h55 - 17h15

Portugal do outro lado do espelho: vozes, silêncios e imagens de um livro proibido

Susana S. Martins

17h15 - 17h35

Debate

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

17h35 - 18h25

Out on the Tiles with Ricardo Rangel

Paul Melo e Castro

09

NOVEMBRO

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

09h45 - 10h30

Política y Fotolibros

Horacio Fernández, Historiador e curador

Horacio Fernández, Historiador, crítico de arte e curador de exposições. Foi professor de História da Fotografia na Faculdade de Belas-Artes de Cuenca. Entre 2004 e 2006 foi comissário geral do PHOTOESPAÑA. Das numerosas exposições de que foi curador contam-se: *Mexicana, fotografía moderna en México* (IVAM Valencia 1998); *Fotografía Pública* (Museo Reina Sofía Madrid 1999-2000); *Variaciones en España* (Madrid, Las Palmas, Vigo 2004); *Del Paisaje Reciente* (ICO Madrid 2006); *De Viaje* (Instituto Cervantes Madrid, Roma, Praga 2008-2009); *El Fotolibro Latinoamericano* (Paris, Madrid, Nueva York, Rio, Sao Paulo, Buenos Aires, Lima 2012-2014), *Manuel Alvarez Bravo una Biografía Cultural* (Palacio de Bellas Artes México 2012), etc.

Em 2011 publicou *El Fotolibro Latinoamericano* em quatro edições, premiado como o melhor livro estrangeiro do ano de história da fotografia, nos Encontros de Arles 2012. Em 2014 apresentou no Museu Reina Sofía de Madrid a exposição *Fotos & Libros España*, que em 2016 seria apresentada no Museu Amparo de Puebla, México. Em 2015 realiza no MACBA de Barcelona a exposição *Miserachs Barcelona*, dedicada ao fotolibro *Barcelona Blanc i Negre*, publicado em 1964.

Finalmente, em 2016, participou como comissário convidado na exposição *Lo nunca visto. Del Informalismo al Fotolibro de Posguerra*, na Fundação Juan March de Madrid e organizou a exposição *Nueva York en Fotolibros*, no Centro José Guerrero de Granada e no Centro de Fotografia Contemporânea de Bilbao. Foi também curador da 1ª edição do Valongo Festival Internacional da Imagem, em Santos, Brasil, bem como de novo da sua 2ª edição, em 2017.

Sessão I

Projectos Editoriais, Arquitectura e Ideologia

11h00 - 11h20

O Projecto Editorial de Raul Lino sobre as Casas Portuguesas (1918, 1929, 1933)

Fernando António Baptista Pereira

CIEBA; Faculdade Belas Artes Universidade de Lisboa;
fernandoabpereira@gmail.com

Em 1918, o então ainda jovem arquiteto Raul Lino, autor de um já considerável número de casas e mansões muito elogiadas na crítica da especialidade, publicou um pequeno livro, com sucessivas edições até 1929, que teria um extraordinário impacto na renovação da arquitetura doméstica em Portugal: *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples*. Por ocasião da Exposição Ibero-Americana de Sevilha de 1929, o texto conheceria uma edição em castelhano. Finalmente, em 1933, o livro seria reeditado, aumentado com acrescido número de ilustrações, sob o título *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*.

A nossa comunicação pretende alertar para a novidade das características do projeto editorial e para o modo como, de 1918 a 1933, o pensamento do autor, que na origem se inseria numa corrente de pensamento simbolista e até saudosista, de indiscutível modernidade e de recorte democrático, veio a ser objeto de apropriação por parte de uma estratégia ideológica formalizada no seio do Estado Novo que tentou combinar a nostalgia «ruralista» e vernacular com o modernismo arquitetónico.

Fernando António Baptista Pereira (Lisboa, 1953). Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pós-graduado em Museologia pelo antigo Instituto Português do Património Cultural e doutorado em Ciências da Arte (História da Arte) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ensina na Universidade de Lisboa (na Faculdade de Letras e na Faculdade de Belas-Artes) desde 1979, sendo atualmente Professor Associado na de Belas-Artes, onde desempenhou as funções de Presidente dos Conselhos Pedagógico e Científico, e de Diretor do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), sendo também autor de vários Planos de Estudos de Licenciatura em Ciências da Arte e do Património e dos Mestrados em Museologia e Museografia e em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea dessa faculdade.

Tem vasta e diversificada obra publicada nos domínios da História da Arte e da Cultura Portuguesas, da Crítica de Arte e da Museologia. É autor do Conceito e da Programação de vários Museus (nomeadamente do Museu do Oriente, Lisboa, e dos Museus do Trabalho e do Convento de Jesus, Setúbal) e de grandes Exposições nacionais e internacionais em Portugal (com destaque para a primeira exposição do Museu Hermitage em Lisboa), em Espanha, no Brasil e em Macau, assim como foi o responsável pela coordenação científica dos respetivos catálogos. Revisor Científico da Nova História da Arte de Janson, publicada em Janeiro de 2010 pela Fundação Calouste Gulbenkian. É, desde 1 de Fevereiro de 2017, Adjunto do Ministro da Cultura para os Museus e Património.

11h20 - 11h40

Arquitectura Escolar e o Estado Novo: projectos editoriais de divulgação e propaganda do edifício escolar.

Ana Fernandes

Departamento de Engenharia Civil, Arquitectura e Georrecursos;
Instituto Superior Técnico Universidade de Lisboa;
ana.c.fernandes@tecnico.ulisboa.pt

Maria Bacharel

CERIS; Instituto Superior Técnico Universidade de Lisboa;
maria.bacharel@tecnico.ulisboa.pt

Alexandra Alegre

CERIS; Instituto Superior Técnico Universidade de Lisboa;
alexandraalegre@tecnico.ulisboa.pt

O Estado Novo cedo reconheceu valor na acção de divulgação do programa de construção das distintas tipologias de edifícios que vinha a desenvolver, servindo-se da imagem como veículo de comunicação e mostra de obra feita. A actividade da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário do Ministério das Obras Públicas e Comunicações (JCETS-MOPC), entidade responsável pela construção escolar no período compreendido entre 1934 e 1969, usou distintos meios editoriais e métodos de difusão das obras executadas.

Este artigo visa a exploração das diversas publicações utilizadas pelo Estado Novo para divulgação de novos edifícios para o Ensino Técnico e Secundário no âmbito do trabalho desenvolvido pela JCETS-MOPC - liceus e escolas técnicas. Estas publicações, de diferentes âmbitos, compreendem:

1. Projectos editoriais editados pelo MOPC/MOP de âmbito mais alargado, onde as escolas acompanham a divulgação de outros equipamentos públicos. Referem-se, entre outros, *Portugal 1934* editado em 1934, um álbum de propaganda ao Estado Novo, em formato foto-reportagem, que incluía a promoção da *Obra dos Liceus*, e a exposição *15 Anos de Obras Públicas 1932-1947*, assinalando a conclusão de um ciclo de obras do MOP, que incluía publicações próprias (guia e panfletos) com um resumo das obras realizadas nos vários domínios de atuação. Neste âmbito estavam presentes dois stands dedicados à Educação, nomeadamente ao ensino primário e liceal.

2. Projectos editoriais centrados na promoção de edifícios escolares, editados pelo JCETS/MOP que incluía Brochuras (dedicadas a uma única Escola) e Compêndios (dedicados a vários casos de estudo).

A leitura e análise conjunta destes documentos permite a identificação de estratégias de representação do período de actuação das várias entidades para a divulgação da arquitetura escolar. A imagem era protagonista na divulgação e propaganda dos novos espaços de

ensino, mas a escolha dos elementos retratados e relatados evolui consistentemente ao longo do período de análise. Permite ainda uma reflexão sobre o modo como são construídas as narrativas de divulgação dos edifícios escolares, quais os seus objectivos principais bem como a identificação do público-alvo, e quais os diferentes tipos de suportes gráficos utilizados, em particular as fotografias, os desenhos/perspectivas, e os modelos tridimensionais representados.

Ana Fernandes é arquitecta tendo concluído Mestrado Integrado em Arquitectura em 2013, com dissertação sobre o tema *O Edifício Sede do BNU. Reutilização adaptativa no contexto da Baixa Pombalina: de Banco a Museu*. Começa actividade profissional no mesmo ano, no atelier "Teresa Nunes da Ponte Arquitectura", com participação em concursos, projectos editoriais e de arquitectura. Inicia a sua actividade científica em 2016, com a integração na equipa multidisciplinar do projecto Atlas da Arquitectura Escolar em Portugal-Educação, Património e Desafios, uma parceria do Instituto Superior Técnico (IST) com a Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência.

Maria Bacharel é arquitecta e investigadora no Instituto Superior Técnico em Lisboa (IST). O seu domínio principal de investigação é a arquitectura escolar, tendo-se doutorado em 2015 com a tese sob o título *In-between Formality and Informality. Learning Spaces in University Context* à qual foi atribuída o prémio "Glenn Earthman Outstanding Dissertation Award" pela International Society of Educational Planning em 2016. Actualmente é investigadora pós-doc do projecto de Investigação "Atlas of School Architecture in Portugal - Education, Heritage and Challenges".

Alexandra Alegre é arquitecta e professora auxiliar no Instituto Superior Técnico (IST), em Lisboa. Desenvolve estudos no âmbito da produção arquitectónica portuguesa do século XX no que se refere ao processo de concepção e construção em arquitectura, à história da arquitectura, da construção e da cidade, com particular relevância atribuída aos equipamentos educativos, e espaços e artefactos desenhados para a criança: arquitectura escolar, espaços para a infância, habitação e a criança, e cultura material associada à infância. É Investigadora Responsável pelo projecto de investigação "Atlas of School Architecture in Portugal - Education, Heritage and Challenges" (PTDC/ATP-AQI/3273/2014), financiado pela FCT. É autora do livro *Arquitectura Escolar. O Edifício Liceu em Portugal (1882-1978)*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia em 2012.

11h40 - 12h00

*A Thousand-Year Reich to be seen: the catalogue of the 1941
Modern German Architecture exhibition*

Eduardo Cintra Torres

Faculdade de Ciências Humanas; Universidade Católica Portuguesa;
eduardocintratorres@gmail.com

Like the Degenerate Art Exhibition in the late 1930s, the Modern German Architecture exhibition was a traveling show, this time in foreign countries. The Third Reich propaganda exhibition opened in Lisbon in November 1941, with the presence of Óscar Carmona, President of Portugal, and Albert Speer, then General Building Inspector of Berlin. The exhibition catalogue was designed to be bilingual, along with the texts and captions in German. It included a short text by Speer and an eight pages preface by Rudolf Wolters, Head of Department and Exhibition Commissioner in Speer's Planning Bureau and also responsible of its arts magazine.

Widely illustrated in 78 of its 104 pages, the catalogue imagery stresses urban planning and monumentality as the main values of Hitler, Speer and Wolters projects and buildings in Berlin and other German cities.

After a brief reference to the exhibition in Lisbon, the communication will concentrate on the analysis of the Portuguese catalogue version using visual semiotics tools. The survey of all the images (photographs, photos of scale models, drawings) will be subject to a content analysis of shot size, shot angle and types of referents shown (buildings, sculptures, decorative motives; finished constructions, works in progress, projects). The analysis will also take in account the origin and authorship of the photographs, as indicated in the catalogue, to check differences or, on the contrary, their contribution to the aesthetic unity of the booklet.

The final step of the research is a general analysis of this editorial project of the nazi regime, then at the top of its expansionist power, using the content analysis, visual analysis of some representative images in the catalogue, and the texts by Speer and Wolters. The analysis will try to situate the exhibition and its catalogue not only as topical propaganda but also as a visual, symbolic demonstration of the Third Reich power and its lastingness.

Eduardo Cintra Torres (Lisbon, 1957). Visiting Assistant Professor, Faculty of Human Sciences, Catholic University Lisbon, and ISCTE-IUL. Researcher at the CECC. PhD in Sociology. Masters in Communication and BA in History.

Author of 17 books, the latest being: "*Marques*" (*História dum Perseguido*) de Afonso Lopes Vieira (org.), Lisbon, INCM, 2016; *Telenovela, Indústria & Cultura*, Lda., Lisbon, FFMS, 2015; *From Multitude to Crowds: Collective Action and the Media*, co-ed. with S. Mateus, Frankfurt, Peter Lang Ed., 2015; *Multidão e Televisão: Representações Contemporâneas da Efervescência Colectiva*, Lisbon, UCE, 2013; *Televisão e Serviço Público*, Lisbon, FFMS, 2011. Author of book chapters and scientific articles published in Portugal, France, Brazil, UK and Canada. Among the latest articles: "The Intertextuality of Works of Art in Advertising", in *Advertising & Society Review*, Vol. 16, Nº 3, 2015; "Durkheim's Concealed Sociology of the Crowd", in *Durkheimian Studies*, British Centre for Durkheimian Studies, University of Oxford, Vol 20, N. 1 (Winter 2014); "Essai sur le don à la télévision", in *Télévision*, Paris, CNRS Éditions, nº6, 2015.

12h00 - 12h20

*A Imagem Fotográfica das Obras Públicas como Rosto da Nação.
O Projecto Editorial "15 anos de Obras Públicas (1932-1947)*

Paula André

DINÂMIA'CET/Instituto Universitário de Lisboa/ISCTE-IUL;
paula.andre@iscte-iul.pt

No projecto editorial *15 Anos de Obras Públicas (1932-47)* a fotografia reconceptualizou a portugalidade da nação. Expressão maior da propaganda do Estado Novo português no que se refere à sua acção nas Obras Públicas, a Exposição 15 Anos de Obras Públicas 1932-47 realizada em 1948 no Instituto Superior Técnico em Lisboa, no âmbito da qual foram produzidos catálogos, brochuras, desdobráveis e filmes, cujas imagens exibiam o "poder realizador" (Nota Oficiosa, 1938), foi um grandioso projecto editorial da nação como obra realizada.

A "Exposição documentária dos melhoramentos públicos levados a efeito na Metrópole" (Quinze anos, 1948), foi organizada pelo Ministério das Obras Públicas, partindo de uma ideia do engenheiro José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas, e procurou exibir "com completa claridade visual (...) as muitas obras de arquitectura" (Guia, 1948). Para essa clarividência muito contribuiu o facto de em todos os pavilhões existirem em simultâneo planos, mapas, maquetes, fotomontagens e fotografias que exibiam as obras públicas, da autoria de fotógrafos como Domingos Alvão (Porto); M. Carneiro (Lisboa); Estúdio Eldorado (Lisboa); J. Mesquita (Porto); António Passaporte (Lisboa); Jaime Santos (Lisboa); A. Santos d'Almeida Júnior (Lisboa); Mário e Horácio Novais (Lisboa). Estas fotografias públicas seriam replicadas através da sua impressão nas diversas publicações editadas no âmbito da exposição, e sublinhadas nas imagens das realizações materiais exaltadas no filme de António Lopes Ribeiro graficamente animado por Tomás de Melo e no documentário de Perdigão Queiroga (*Quinze anos*, 1948).

Nesta verdadeira síntese performática da capacidade realizadora, considerada prova de que "a Nação Portuguesa" se encontrava "numa fase de grandioso progresso" (*Guia*, 1948), no pavilhão da Urbanização exibiam-se fotografias dos bairros para famílias pobres e para pescadores; fotografias de casas económicas e de casas de renda económica e limitada, e no pavilhão da Câmara Municipal de Lisboa que publicitava a acção municipal na "Capital do Império", era mostrado um país que exibia a sua modernidade através da imagem fotográfica. A análise do uso da fotografia pública e impressa deste projecto editorial, permitirá desvendar os mecanismos e os significados duma eficaz politização e estetização das Obras Públicas, e revelar uma cultura

expositiva, fotográfica e editorial da imagem das grandes realizações materiais como Rosto da Nação.

Referências bibliográficas:

Guia da Exposição de Obras Públicas (1932-1947). Lisboa, 1948.
Nota Oficiosa, 27 de Março de 1938.
Quinze anos de Obras Públicas (1932-47). Lisboa: MOP, 1948.

Paula André, é doutorada em Arquitectura e Urbanismo pelo ISCTE-IUL e mestre em História da Arte pela FCSH-UNL. Professora do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL, docente no Mestrado Integrado em Arquitectura, no Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, e no Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. Investigadora do Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território - DINÂMIA'CET-IUL, onde coordena a Linha Temática "Imagens das Realizações Materiais" do Projecto FCT "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)" - PTDC/CPC-HAT/4533/2014. Investigadora colaboradora do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora - CHAIA-UE, onde integra a coordenação do Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. Publicações no Brasil, na Argentina, em Inglaterra, Espanha e em Portugal. Membro do Cluster "Photography and Film Studies", do IHA da FCSH-UNL; do Portuguese Network of Urban Morphology - PNUM; da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte - APHA; do International Council on Monuments and Sites - ICOMOS - Portugal. Áreas de Investigação: Teoria e História da Arquitectura e do Urbanismo; Dinâmicas Urbanas e Políticas da Cidade (Lisboa); História da Arte e Cultura Visual; Fotografia, Imagem e Propaganda; Património e Digital Humanities (<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=1801539159830094>).

Sessão 2

Estruturas Narrativas e sua Forma de Comunicação

14h30 - 14h50

Sobre o projeto Tele-escola: a aproximação possível do Estado Novo às tecnologias educativas

João Paulo Queiroz

CIEBA; Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa;
j.queiroz@belasartes.ulisboa.pt

Aborda-se e caracteriza-se todo o enquadramento da Tele-Escola em Portugal. Contextualiza-se a situação da educação no Estado Novo. Só em 1956 a escolaridade obrigatória passa para 4 anos, para os rapazes. Na adesão à OCDE, em 1955, o país insere-se nos respetivos planos de intervenção para o desenvolvimento. Em 1963 é criado o Centro de Estudos de Pedagogia Áudio-Visual, no Instituto de Alta Cultura, secções, cinema, rádio e televisão. É um desígnio nacional: o ministro Galvão Telles faz duas comunicações ao país pela televisão e rádio. Arranca a "TV Escolar e Educativa". Galvão Telles aproveita as disciplinas do curso preparatório para o ensino técnico e acrescenta-lhe o Francês (sem opção de inglês), para ensaiar o futuro Ciclo Preparatório. A emissão é em directo, e dura cinco horas por dia, quase tantas ou mais quantas as emissões regulares da RTP. Assim começou o primeiro ano da Telescola com 1.000 alunos em 80 postos. A produção envolvia uma equipa completa dedicada à produção, articulada em secções e com uma cuidadosa planificação. A tele-escola em Portugal obteve taxas de sucesso elevadas (80%) o que fez dela um caso modelo para implantação em outros países.

João Paulo Queiroz (Portugal). Curso Superior de Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Mestre em Comunicação, Cultura, e Tecnologias de Informação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Doutor em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. É professor na Faculdade de Belas-Artes desta Universidade (FBAUL). Professor nos cursos de doutoramento em Ensino da Universidade do Porto e de doutoramento em Artes da Universidade de Sevilha, Espanha. Coordenador do Congresso Internacional CSO Criadores Sobre outras obras (anual, desde 2010) e diretor das revistas académicas: *Estúdio*, ISSN 1647-6158 (QUALIS: A2), *Gama* ISSN 2182-8539 (QUALIS: B1), e *Croma* ISSN 2182-8547 (QUALIS: B1). Coordenador do Congresso "Matéria-Prima, Práticas das Artes Visuais no Ensino Básico

e Secundário" (anual, desde 2012). Dirige também a *Revista Matéria-Prima*, ISSN 2182-9756 (QUALIS: B1). Membro de diversas comissões e painéis científicos, de avaliação, e conselhos editoriais. Consultor da FCT. Presidente do Centro de Estudos e Investigação em Belas-Artes (CIEBA), Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa.

14h50 - 15h10

A contratação de uma consultora de comunicação para a promoção de Salazar e de Portugal nos EUA (1950-55)

Vasco Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
vribeiro@letras.up.pt

O presente trabalho pretende apresentar uma atividade pouco conhecida do Secretariado Nacional de Informação (SNI) que, ao que tudo indica, ainda nasce por iniciativa de António Ferro (sai do SNI em 1950). Trata-se da contratação, em 1950, de uma consultora de *public relations* norte-americana para promover a imagem de Portugal e do seu ditador na opinião pública dos EUA. Chamava-se George Peabody & Associates e tinha sede na famosa avenida que concertava, na altura, as mais importantes empresas de publicidade e relações públicas de Nova Iorque - a Madison Avenue. Durante cinco anos a George Peabody & Associates fez publicar na imprensa norte-americana mais de 2 mil artigos de promoção turística e política, assim como promoveu a difusão de milhares de notas de imprensa sobre Portugal junto da Associated Press, encartou suplementos no *New York Herald Tribune* e produziu anúncios publicitários no *New York Times*. Entre os artigos induzidos pela consultora podem encontrar-se títulos como "Salazar, Fátima e Portugal" (in *New York Journal American*, outubro de 1951), "Bom ambiente político atrai realezas a Portugal" (in *Boston News*, novembro de 1952), entre muitos outros. Também são 'plantados' vários artigos nas revistas *Life*, *Time*, *Newsweek*, *Vogue*, *Cosmopolitan*, *Esquire*, *This Week*, *Readers Digest*, *Travel* e noutras dezenas de títulos. Na televisão a consultora conseguiu cerca de 40 referências positivas em canais como a CBS, a NBC, a ABS ou a WABD.

Muitas outras ações e táticas de *public relations* foram desencadeadas pela George Peabody & Associates que, segundo os documentos de avaliação do SNI, resultaram em aparentes benefícios para a imagem projetada da ditadura portuguesa. Todavia, um dos sucessores de António Ferro, o intelectual e diplomata Eduardo Brazão, que ocupou a presidência do SNI entre 1955 e 1958, denuncia que a George Peabody & Associates foi contratada "por um preço fabuloso" (Brazão, 1976, pag. 320) e representou "o principal esbanjamento dos dinheiros públicos que por ali [SNI] se fazia" (Brazão, 1976, pag. 320).

Suportado numa pesquisa documental no Arquivo de Salazar da Torre do Tombo, efetuada durante a primeira metade do ano de 2016, este trabalho tentará também revelar também o plano de comunicação preconizado por António Ferro para moldar a opinião pública norte-americana, assim como revelar os protagonistas deste trabalho propagandístico pioneiro e muito arrojado para a época.

Vasco Ribeiro, Doutor em ciências da comunicação pela Universidade do Minho, mestre em comunicação política pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e licenciado em comunicação social pela Escola Superior de Jornalismo. Leciona áreas de "Comunicação Política", "Assessoria de Imprensa", "Comunicação Estratégica" em três cursos da FLUP, onde é professor auxiliar, e é professor convidado da Porto Business School. Profissionalmente foi assessor de imprensa/director de comunicação na Assembleia da República, Parlamento Europeu, Reitoria da Universidade do Porto, Hospital de S. João, Câmara Municipal do Porto, Normetro e Associação Nacional de Jovens Empresários. Foi também consultor e autor de vários planos estratégicos de comunicação em Portugal e Moçambique. Nos últimos anos tem vindo a investigar e a publicar a história da comunicação política portuguesa, durante a Primeira República e as Ditaduras, com especial destaque para os protagonistas e o *modus operandi* do gabinete de imprensa do Ministério do Interior, vulgarmente conhecido por 'Informação da Arcada' (1910-1974).

15h10 - 15h30

Entre narrativa gráfica e representação: Aspectos da participação portuguesa na Exposição Internacional de 1937

Paulo Ribeiro Baptista

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; CET - Centro de Estudos de Teatro/FLUL e Museu Nacional do Teatro e da Dança; paulorbaptista@yahoo.com

Desde o seu advento em meados do século XIX, as exposições universais e internacionais foram grandes palcos para a representação e a afirmação das nacionalidades. Em certos casos, a participação dos países revestiu-se de significados políticos muito particulares. Foi justamente o que sucedeu com a participação portuguesa na Exposição Internacional de Paris-1937 que representou mais um importante e porventura decisivo passo na afirmação de Portugal e do seu regime político, o Estado Novo, nos areópagos internacionais. A legitimidade do Estado Novo estava posta em causa desde o golpe de estado de 28 de Maio de 1926 e tardava em ser reconhecida no palco internacional. Essa dificuldade devia-se a vários fatores, nomeadamente à pressão da oposição republicana democrática portuguesa que tinha uma importante capacidade de influência junto desses areópagos, em particular da Sociedade das Nações. Nessa medida, a importante participação de Portugal na exposição Internacional de Paris de 1937, e o investimento simbólico que ela representou, inscreveu-se numa estratégia concertada de afirmação do regime e de consolidação de legitimidade junto das referidas instituições internacionais e até poderá ser entendida como o corolário dessa estratégia, daí o seu particular significado. Por outro lado, a exposição coincidiu com a edição internacional de uma coletânea dos discursos de Salazar e a ideia chave dessa narrativa visual acompanhava o alcance daquela edição, o afirmar da virtude do regime português e da sua via política face a uma Europa profundamente dividida na eminência de um novo grande conflito bélico.

O discurso expositivo do pavilhão de Portugal na exposição de Paris 1937 segue um guião visual que muito o aproxima de um catálogo, se o entendermos enquanto construção gráfica. Nesse capítulo a longa experiência do comissário, António Ferro, como homem da imprensa e, em particular, da imprensa ilustrada foi um fator determinante na meticulosa construção desse discurso visual que assumiu grande coerência. António Ferro tinha uma longa experiência de utilização da fotografia e não é despropositado comparar algumas das sequências expositivas do pavilhão português à paginação do álbum *Portugal 1934*, promovido pelo SPN, de que justamente Ferro era diretor.

A partir de um memorando de António Ferro, enquanto comissário do Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris-1937, e de um conjunto de desenhos e maquetes pouco conhecidos, realizados no contexto da preparação desse pavilhão, a presente comunicação procura reequacionar alguns dos aspectos da participação portuguesa na referida exposição, em particular quanto aos constrangimentos políticos da participação portuguesa, à valorização política dessa participação bem como quanto à perceção do posicionamento da representação do país no contexto das restantes participações nacionais e às implicações que esses fatores tiveram no programa gráfico do pavilhão. Por outro lado, importa rever alguns aspectos dos condicionalismos da execução do pavilhão, logísticos e da composição das equipas que, no seu conjunto, vêm questionar o estado atual da questão.

Paulo Ribeiro Baptista é doutorado em História da Arte Contemporânea pela FCSH da UNL, com uma tese sobre teatro e fotografia em Portugal. É investigador do Instituto de História da Arte da mesma Universidade, do Centro de Estudos de Teatro da FLUL e também do Museu Nacional do Teatro e da Dança. Tem estudado as ligações entre a fotografia, teatro e política, bem como outras dimensões desses campos de estudo, repartindo a sua atividade profissional entre os museus, o teatro e a fotografia. É autor de livros, artigos científicos, comunicações e artigos de divulgação sobre temas de fotografia, história da arte, história do teatro, imagem e museologia. Tem leccionado história da arte e história da fotografia. É coeditor da revista *Gardens & Landscapes of Portugal*.

Sessão 3

Projectos Editoriais e Propaganda

16h10 - 16h30

Do Bandarra à Panorama (1.ª série): quando a autopropaganda se tornou decisiva para António Ferro

José Guilherme Victorino

CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX;
Universidade de Coimbra; Universidade Autónoma de Lisboa;
zeguiv@gmail.com

Disse um dia Leitão de Barros a António Ferro: «você faz a propaganda da propaganda. E eu acho que a propaganda é como a luz indirecta: deve iluminar sem ser vista. Não faça edições SNI, não fale no Secretariado; apague-o e apague a luz que lhe bate em cheio e com que lhe batem a si». Na sequência de outras experiências editoriais, levadas a cabo antes e após a sua ida para o Secretariado, quando em 1941 a revista *Panorama* foi lançada, apesar do “estado de graça” obtido com os “Centenários”, a acção de António Ferro continuava a não ser consensual em diversos sectores pró-regime, verificando-se, para além da sua crónica falta de verbas, acentuada pela guerra, que a informação proveniente do SPN/SNI era reproduzida de forma bastante irregular, senão relutante, por parte de diversos órgãos de comunicação, considerando-se essa propaganda como anódina, ou inoperante. Reflectindo as suas mais profundas convicções como jornalista, como intelectual e como político, pode a fórmula do projecto editorial da *Panorama* ter constituído, à semelhança de outros instrumentos de inculcação similar aos do fascismo italiano, antes por si experimentados, a melhor solução encontrada para resolver aqueles constrangimentos?

Aliando as artes promovidas pelo Estado («a arte, a literatura, a ciência, constituem a grande fachada de uma nacionalidade») à promoção turística («meio seguríssimo, não só de alta propaganda nacional como de simples propaganda política»), também montra de valores e realizações de um regime em plena necessidade de afirmação interna e externa, a *Panorama* surpreende por uma abordagem em que se substituiu um discurso panfletário por um discurso literário, destinado às elites do regime, mais sensíveis a uma propaganda de integração. Em termos de concepção gráfica revelando um tratamento cuidado, hoje consensual, tanto do ponto de vista fotográfico, como através das suas capas e demais ilustrações, de artistas portugueses e estrangeiros, émulos de uma certa avant-garde já pautada pelo “retorno à ordem”, esta revista constituiu-se como um quase compêndio das pro-

duções mais significativas dos “pintores-decoradores-publicitários”, ávidos do patrocínio do Secretariado, não deixando, ainda assim, de abrir as suas páginas a alguma heterodoxia neo-realista e à crítica, designadamente à incúria prevalecente ao nível de algum património. Combinando um ideário simultaneamente reformista e tradicionalista, a *Panorama*, não só se tornou o órgão impresso de maior destaque na actividade do SPN/SNI, como o melhor suporte das iniciativas mais acarinhadas pelo seu mentor no plano “da renovação do gosto”: das artes plásticas ao bailado, da “Aldeia mais Portuguesa” à reinvenção da “arte popular” (mas não dos Prémios Literários, ou do Teatro do Povo, por razões hoje melhor conhecidas).

José Guilherme Freitas de Sousa Victorino licenciou-se em História e pós-graduou-se em Assessoria de Comunicação pela Universidade Autónoma de Lisboa, onde é Professor Auxiliar. Doutorou-se em Dezembro de 2007 pela Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madrid, com a tese *Um Instrumento de Consenso no Estado Novo: “Panorama, revista portuguesa de arte e turismo” (1941-1949)*. Tem publicado sobre temas no âmbito da propaganda política e cultural do salazarismo. É investigador no CEIS20, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra. É membro do Conselho Consultivo da Fundação António Quadros. Tem participado em colóquios, conferências e outras iniciativas no âmbito do IGESPAR, da Universidade da Extremadura, do Instituto de Ciências Sociais, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, da Sociedade de Geografia, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional Torre do Tombo, da Associação Casa Veva de Lima, da Fundação Portuguesa das Comunicações, da Rádio Renascença e da RTP2. Iniciou a sua actividade publicitária na Young & Rubicam e foi responsável pelos Gabinetes de Comunicação da Unisys Portugal e da ICL Fujitsu Portugal. Integrou o júri dos prémios publicitários Cannes Lions.

16h30 - 16h50

A Revista Panorama (1941-1973): Um Projecto Editorial de Longa Duração

José Oliveira

Dinâmia CET/Instituto Universitário de Lisboa / ISCTE-IUL;
IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
jagoa@iscte-iul.pt

Israel Guarda

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
CRIA/Instituto Universitário de Lisboa/ISCTE-IUL;
israel.guarda@iscte-iul.pt

A revista *Panorama* (1941-1973) foi o projecto editorial de mais longa duração do organismo de propaganda do Estado Novo, cujo subtítulo - *Revista Portuguesa de Arte e Turismo* - remete para contextos em que, naturalmente, a fotografia impressa teve uma presença privilegiada como meio operativo de divulgação. Durante aquele longo período a revista foi editada em quatro séries (1941-1949; 1951-1955; 1956-1961 e 1962-1973) passando por diferentes direcções, orientações e mudanças de nome do organismo estatal que a tutelava (SPN, SNI, SEIT), nas quais esteve sempre subjacente a ideia de propaganda/informação.

Esta comunicação tem como objectivo avaliar, em tempo longo, a consistência e especificidade de um projecto editorial como a *Panorama* no contexto do Estado Novo. Particularmente perceber quais as razões que levaram ao seu aparecimento nos anos quarenta, que implicações tiveram as diferentes orientações editoriais, e que consequências tiveram sobre a organização formal e gráfica da revista. Uma análise da literatura existente revela uma incidência somente sobre a primeira série, a qual corresponde a apenas nove dos cerca de trinta anos da publicação. Tratando-se de uma revista de tão longa duração, impunha-se este estudo alargado como forma de entender a evolução das políticas editoriais e os seus reflexos sobre a estrutura e natureza deste projecto, no âmbito do organismo que a tutelava.

Partindo do princípio de que o sucesso de uma publicação está dependente de vários tipos de indicadores é objectivo, também, deste estudo aferir a regularidade de edição, as temáticas dominantes, a relevância dos colaboradores, assim como quantificar dados relativos ao volume de vendas e à disseminação geográfica, co-relacionando esta informação com as estratégias editoriais. A análise efectuada neste estudo, com base num método de sistematização e análise objectiva da informação recolhida, na totalidade dos números publicados da revista, assim como a pesquisa em arquivos, permitiu-nos identificar variações substanciais em termos de critérios e decisões editoriais que tiveram fortes reflexos em termos do sucesso/insucesso da revista *Panorama*.

José Oliveira, é doutorado em História da Arte Contemporânea (FCSH-UNL) e licenciado em Eng. Electrotécnica (IST). A sua tese de doutoramento teve como título *Arte e Tecnologia na Segunda Metade do Século XX: O Código como Paradigma*. É membro integrado do Instituto de História da Arte (FCSH-UNL) e colaborador externo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo produzido textos para catálogos e exposições. Actualmente é bolseiro investigador no Dinâmia CET (ISCTE-IUL), no projecto "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)" (PTDC/CPC-HAT/4533/2014), um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. É professor de Fotografia e Cultura Visual no IADE.

Israel Guarda, integra presentemente o IHA (Instituto de História de Arte-FCSH/NOVA), como bolseiro do projecto Fotografia "Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)", (PTDC/CPC-HAT/4533/2014), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É licenciado em História, variante Arqueologia (2001) e Doutorado em História de Arte Contemporânea pela FCSH/NOVA (2016). Tem desenvolvido actividades em investigação e produção / curadoria de eventos. Tem participado em vários projectos de investigação, centrando as atenções sobre a produção de lugares na história urbana e na relação entre o ambiente construído e a organização social, no âmbito da qual tem realizado diversas conferências e artigos. É membro integrado no CRIA (Centro em Rede Integrado de Investigação em Antropologia) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE).

16h50 – 17h10

Imagens do “ideal” de mulher num projecto editorial de propaganda estado-novista: o caso do Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina (1939-1947)

Bruno Marques

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
brunosousamarques@gmail.com

Israel Guarda

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
CRIA/Instituto Universitário de Lisboa/ISCTE-IUL;
israel.guarda@iscte.pt

Daniela Silva

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
daniela_sofiasilva@hotmail.com

Não sendo um objecto de estudo propriamente inexplorado, as imagens que constroem o ideal de mulher, produzido no período inicial da propaganda do Estado Novo, ainda não beneficiou da atenção e da análise crítica que merece. Os trabalhos pioneiros de Irene Pimentel sobre as organizações femininas do regime (Pimentel 2000) permitiram já balizar historicamente esse território, mas falta ainda uma visão mais estritamente ancorada na linha dos *Visual and Media Studies*, que nos permita compreender melhor o papel da fotografia impressa ao serviço do aparelho educativo da ditadura. Tomando como objecto de análise o projecto editorial *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina* (1939-1947), o presente artigo propõe-se mapear temas, motivos iconográficos e modos de construção da imagem nas suas diversas tipologias, considerando o sistema de códigos visuais subjacente à construção de um ideário imagético feminino, em linha com os valores de sociedade defendidos pelo Estado Novo.

Bruno Marques (1975, Huambo, Angola) é, desde 2016, Professor Auxiliar Convidado do departamento de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desde 2014, bolseiro de pós-doutoramento no Instituto de História da Arte da mesma faculdade. Integra a core team de investigadores do Programa de Doutoramento em Estudos Artísticos/FCSH/NOVA. Leccionou no Departamento de História de Arte da FCSH/NOVA (2010-2011), no ISCE (2010-2015) e na ESAD.CR (2014-2015). Membro integrado e da Comissão Científica do Instituto de História de Arte/UNL, onde coordena o núcleo de estudos “Photography and Film Studies”. Comissariou várias exposições, tendo sido vencedor da Iniciativa Novos Comissários 2008. É autor do livro *Mulheres do Século XVIII. Os Retratos*

(2006). Coordenou os livros *Sobre Julião Sarmento* (Quetzal, 2012) e *Arte & Erotismo* (IHA-NOVA, 2012, com Margarida Acciaiuoli). Co-organizou o congresso internacional “Arte & Erotismo” (FCSH-UNL, 2012), o colóquio “Arte. Crítica. Política” (Goethe-Institut, Lisboa/FCSH-UNL, 2014), as jornadas “Envelhecimento, Espaços Culturais e Arte Contemporânea” (Culturgest, 2016) e o simpósio “Performance arte portuguesa – 2 ciclos (sem) 1 arquivo: diferentes valores, razões e práticas?” (Museu Coleção Berardo, 2016).

Israel Guarda (1978, Leiria), integra presentemente o IHA (Instituto de História de Arte-FCSH), como bolseiro do projecto “Fotografia Imprensa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)”, financiado pela FCT [PTDC/CPC-HAT/4533/2014]. É licenciado em História, variante de Arqueologia (2001) e Doutorado em História de Arte Contemporânea pela FCSH UNL (2016). Tem desenvolvido actividades em investigação e produção/curadoria de eventos. Tem participado em vários projectos de investigação, centrando as atenções sobre a produção de lugares na história urbana e na relação entre o ambiente construído e a organização social, no âmbito da qual tem realizado diversas conferências e artigos. É também membro integrado do CRIA (Centro em Rede Integrado de Investigação em Antropologia), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

Daniela Silva (1996, Lisboa) Licenciada desde 2017 em História de Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Em 2016 iniciou o seu percurso como oradora na Conferência Internacional “Arte e Religião na Lusitânia” no Museu Nacional de Arqueologia, abordando a escultura e o mosaico romano na arte e religião clássica, juntamente com a professora Filomena Limão. Integrou, como estagiária, o projecto “Fotografia Imprensa Imagem e propaganda em Portugal (1934-1974)” dedicando-se ao estudo das fotografias publicadas em revistas como a *Objetiva* e o *Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina*. Os seus principais interesses são: cinema, pintura, fotografia e estudos de género.

17h10 - 17h30

A Jornalista, o Ditador e o PIDE-Fotógrafo. Fotografia Impressa, Propaganda e Retóricas do Corpo em "Salazar na Intimidade" de Frederic P. Marjay

Filomena Serra

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;

fil.serra@fcsb.unl.pt

Em 1952 foi publicado, em edição portuguesa e francesa, o livro *Férias com Salazar* da jornalista e escritora de sucesso francesa Christine Garnier (1915-1987), cujas ilustrações ficaram a cargo do agente da PIDE e fotógrafo amador António Rosa Casaco (1915-2016), que viria, em Fevereiro de 1965, a estar implicado no assassinato de general Humberto Delgado. O livro, no qual tudo indica que o Presidente do Conselho teve um papel activo, era o resultado das entrevistas e da convivência que, com ele, Garnier estabelecera durante dois anos. *Férias com Salazar* apresentava o ditador como um homem solitário, dedicado inteiramente ao seu país e encarnando a visão de um "Portugal feliz", imagem que visava humanizar o ditador frio e distante. Tratava-se de uma clara intenção de propaganda, num contexto em que o país, como membro fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em 1949, precisava, a despeito da sua longa ditadura, de ser reconhecido no bloco ocidental europeu, após o fim da Segunda Guerra Mundial e da queda dos regimes totalitários italiano e nazi. No contexto nacional surgia, em 1945, o Movimento de Unidade Democrática (MUD) e nas colónias cresciam os movimentos independentistas.

A série de 16 fotografias que acompanhou os textos de Garnier viria a ter continuidade, em 1954, com um outro projecto editorial programado em conjunto entre Rosa Casaco e o escritor, editor e, também, fotógrafo de origem húngara, Frederico P. Marjay. Ao contrário do livro de Garnier, neste fotolivro intitulado *Salazar na Intimidade*, que continha um total de 56 imagens fotográficas, as legendas ou textos desapareceram para que as fotografias falassem por si. São retratos do ditador que se apresenta em diferentes poses, sozinho ou acompanhado por Christine Garnier, por familiares ou pessoas do povo.

O nosso estudo repartir-se-á em dois tempos: Por um lado, uma investigação no Arquivo Salazar de modo a reconstituir a história dos dois projectos editoriais. Depois o seu estudo e análise. No primeiro caso, no livro de Garnier, incidindo na vertente propagandística do texto e a sua relação com as imagens de Salazar. No livro editado por Marjay, sublinhando a construção da narrativa visual da fotografia impressa (Fernández, 2000), onde a série de representações fotográficas das figuras do corpo e em especial as poses encenadas dos retratos, constituem os elementos retóricos centrais da propaganda deste fotolivro.

Filomena Serra é Investigadora Responsável do Projecto "Fotografia Impressa e Propaganda em Portugal" (PTDC-CPC-HAT/4533/2014). Licenciada em História (FLUL), doutorou-se em História da Arte Contemporânea pela FCSH/NOVA. É membro integrado do Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA e do Cluster Estudos de Fotografia e Cinema. Tem apresentado inúmeros seminários e colaborado em cursos de pós-graduação Doutoramento em História da Arte da FCSH. Das suas publicações contam-se os estudos sobre artistas contemporâneos como René Bertholo e Fernando Lanhas (Editorial Caminho, 2005 e 2006) e sobre os modernistas portugueses como Almada Negreiros. Colaborou no livro comemorativo 1915 *Orpheu* (org. por Steffen Dix, Tinta-da-China, Lisboa, 2015). Foi co-curadora em 2016 da exposição de arte contemporânea "(Co)Habitar", patente na nova sede da Casa da América Latina e da UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.

Os seus interesses actuais incidem sobre o papel da fotografia de propaganda nos estados totalitários. Acabou de publicar em co-autoria "A construção da imagem do "Chefe" no *Notícias Ilustrado*" em *Salazar, o Estado Novo e os Media* (org. José Luís Garcia et al, Edições 70, 2017).

10

N O V E M B R O

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

09h45 - 10h30

Fotografia, montage y mitografia: Los Álbumes del SPN 1934-1940

Javier Ortiz Echagüe

Escola de Arquitectura da Universidade de Navarra;

javierortizechague@gmail.com

Esta ponencia trata de analizar los álbumes sobre Portugal del SPN desde una perspectiva internacional. A veces se han tratado de explicar las publicaciones gráficas del régimen de Salazar tomado el modelo fascista italiano. Aquí se propone tomar la revista URSS en construcción, representante de lo que se ha denominado "mitografía" soviética, como el modelo más directo para la realización de los álbumes portugueses.

Javier Ortiz-Echagüe é licenciado em História da Arte e doutor em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid. Foi Professor da Universidade Carlos III de Madrid e visiting scholar da New York University e da Universidade de Provença (França). É autor do livro *Yuri Gagarin y el conde de Orgaz. Mística y estética de la era espacial* (2014), editor da antologia de textos de José Val del Omar, *Escritos de técnica, poética y mística* (2010) e co-autor com Horacio Fernández de *Fotos & Libros. España 1905-1907* (2010). Foi comissário da exposição "Ortiz-Echagüe. Norte de África" (Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona, 2013) e curador assistente de "Desbordamiento de Val del Omar" (Madrid, Museu Reina Sofia, 2010). Em 2016 integrou como curador convidado a exposição "Lo nunca visto: de la pintura informalista al fotolibro del postguerra" na Juan March Foundation, Madrid. Actualmente é professor na Escola de Arquitectura da Universidade de Navarra.

Sessão 4

Projectos Editoriais e Experimentação Visual

11h00 - 11h20

Propaganda e montagem: Os álbuns do Secretariado da Propaganda Nacional

Natasha Revez

IHA, FCSH, Universidade Nova de Lisboa;
natasha.revez@gmail.com

Neste artigo procuraremos estabelecer uma relação entre a propaganda e a montagem a partir de alguns dos álbuns produzidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional, órgão que, a partir de 1933 e até 1944 (ano em que foi redenominado Secretariado Nacional da Informação) estaria encarregado de realizar a propaganda do Estado Novo. Foram diversos os álbuns fotográficos que se fizeram publicar nestes anos, dos quais citamos os álbuns *Portugal 1934* e *Portugal 1940*; o álbum *General Carmona* (1935); *Paisagens e Monumentos de Portugal* (1941); *Vida e Arte do Povo Português* (1942). E, ainda, álbuns como *Mocidade Portuguesa* (1945), *Verde Gaio - Ballet Portugais* (1949) e *Casas Económicas* (1943). Cada um deles ensaiando diferentes versões de Portugal: no início destacando o seu aspecto militarizado, um país que se mobilizava; mais tarde apontando para uma imagem mais serena de modernidade de um país que não perdera de vista a autenticidade da tradição e as suas raízes históricas.

Defenderemos que é a montagem que confere aos álbuns os diferentes sentidos que acima indicamos e que as imagens não teriam a capacidade de determinar, em si mesmas ou isoladamente, o sentido que ganhariam nos álbuns. O que os álbuns fazem é, assim, através da montagem criar um contexto que lhes atribui um significado. É o trabalho da montagem que determina aquilo a que devemos prestar mais atenção, com as suas ampliações, e as ligações que devemos fazer, com as suas justaposições. Os álbuns agarram no espectador pela mão e propõem-lhe uma “viagem guiada”, conduzem-no num determinado ponto de vista, mais musculado, no início dos anos 30, e mais estável e sereno, nos anos 40.

Foi este ponto de vista mais sereno do país o que vingou e se fixou na sua memória. E porquê? Seria ele o mais credível? Era seguramente o que melhor se identificava com o cariz catedrático e não militar do chefe. Mas não seria também ele o que encontrava maior empatia do próprio país representado? E não seria esta imagem serena mas sólida a que melhor convinha ao país em tempos de guerra? Não devemos

conceber o país como uma massa amorfa e passiva nem descartar a possibilidade de esta imagem serena ter vingado em parte porque muitos com ela se identificaram.

Assim, poder-se-á dizer que, contrariamente à ideia ainda dominante no nosso subconsciente de que a propaganda veicula uma série de mentiras, para ser eficaz, ela fundamenta-se na maior parte das vezes em aspectos reais que são usados para corroborar um determinado ponto de vista. É nisso que reside a sua força, eficácia e credibilidade. O que a propaganda faz é elevar o seu ponto de vista ao estatuto de dogma, de verdade única e absoluta, descartando e censurando quaisquer outros pontos de vista que não se coadunem com o seu.

Natasha Revez, licenciou-se em Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Realizou o mestrado em História da Arte Contemporânea, na FCSH/NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação intitulada *Os Álbuns 'Portugal 1934' e 'Portugal 1940', Dois Retratos do País no Estado Novo*. Possui o Diploma de Estudos Avançados (DEA de doutoramento) em História da Arte Contemporânea. É Investigadora do Instituto de História da Arte/Estudos de Arte Contemporânea da FCSH/NOVA e membro do Projeto de Investigação “Fotografia Impressa - Imagem e Propaganda em Portugal (1934 - 1974)” (PTDC/CPC-HAT/4533/2014). Encontra-se a escrever a tese de doutoramento sobre o tema dos álbuns no Estado Novo.

11h20 - 11h40

A Construção de uma "ideia factográfica" de país: do Notícias Ilustrado (1928-1935) ao álbum fotográfico Portugal 1934

João Parreira

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
joaoparreira@mercadodacultura.pt

O *Estado Novo* (1933-1974), tal como todos os regimes ditatoriais e fascizantes que se disseminaram pela Europa após a crise da Grande Guerra, construiu uma nova realidade política que rompeu dramaticamente com o passado recente do sistema liberal. Em Portugal, o regime de Salazar foi também diligente na apropriação de novos meios de comunicação para a sua propaganda, tendo no início os artistas aproveitado e reinterpretado as novas e poderosas ferramentas comunicacionais, sobretudo da URSS e do fascismo italiano. É interessante observar, como os meios de comunicação de massas se entreteceram com a forma de fazer política dessas novas correntes ideológicas, interagindo com elas e determinando mudanças radicais na sua *práxis*. Estas mudanças manifestaram-se ao nível da estruturação do pensamento e na forma como os artistas organizaram o discurso visual. Em grande medida, será na infindável capacidade conotativa da fotografia (e do cinema) que assentará a construção desse discurso. A fotografia é, desde cedo, instrumentalizada e apresentada como elemento probatório e documental indiscutível, capaz de criar uma realidade paralela e *construir* um país. Tal, manifesta-se principalmente através das inovações tipográficas, no *design* gráfico e na montagem das imagens fotográficas, como foram os casos da revista *Notícias Ilustrado* e do *Álbum Portugal 1934*.

Este último, enquanto projecto editorial de António Ferro e do SPN, criado em 1933, é devedor directo das experimentações tipográficas e gráficas desenvolvidas pelo *Notícias Ilustrado*, dirigido por José Leitão Barros e a sua equipa. Foi nesta revista que fotógrafos, gráficos e artistas dariam pela primeira vez expressão visual às políticas e ideias do Estado Novo. Quer António Ferro, quer Leitão de Barros tinham conhecimento do papel da imagem fotográfica ao serviço da propaganda, através do contacto com grandes exposições como a *Prensa* (Colónia, 1928) ou da *Mostra della Rivoluzione Fascista* (Roma, 1932).

A nossa abordagem, tendo como pano de fundo a propaganda nas ditaduras europeias do séc. XX, pretende reflectir sobre o percurso do discurso visual envolvido na produção do álbum *Portugal 1934* analisando simultaneamente, de que forma é devedor do *Notícias Ilustrado* e como dialoga com a imprensa internacional. Será esta última decisão na sua concepção e estruturação?

Discutiremos ainda de que forma se manifestou no álbum *Portugal*

1934, uma "determinada prática estética, preocupada com a inscrição dos factos" (Devin Fore, 2006) - a factografia - e a forma como foram aplicadas as técnicas da foto-reportagem e da foto-montagem, bem como em que medida estas se relacionam com o cinema.

João Parreira é licenciado em História da arte pela FCSH/NOVA, doutorando da FCSH no departamento de História da Arte, aluno nº 42761, foi músico e produtor musical. Possui, também, a frequência do 3º ano do curso de Engenharia Civil. Como músico, produziu diversas obras para teatro e para bailado; e como produtor musical foi responsável por diversos trabalhos discográficos. A partir de 1986 desenvolve a sua actividade, nacional e internacional, como criador, produtor e promotor de espetáculos, exposições, eventos corporativos e agente artístico, tendo recebido diversos prémios pelo trabalho desenvolvido. Leccionou na Restart, entre 2003/15, diversos módulos na área da produção artística e eventos corporativos. Foi director executivo da Juventude Musical Portuguesa, 1991/92. Foi igualmente programador cultural da Queima das Fitas de Coimbra (1989-1991) e programador de exposições e de festivais, entre outros, Festas de Lisboa 91/2004, Lisboa Capital da Cultura 1994, Europália e Expo 98. Foi professor convidado do ISLA entre 2007 e 2008; responsável pelo Forum Multimédia e é um dos fundadores, juntamente com a Semmel Exhibitions, do encontro internacional, "Touring Exhibition Meeting", que tem tido lugar em diversas cidades europeias. Actualmente é colaborador no Projecto FCT *Fotografia Imprensa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)* PTDC/CPC-HAT/4533/2014.

11h40 - 12h00

Imagens Fugazes e triunfais. As viagens presidenciais às colónias, 1938/39

Susana Lourenço Marques

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; Universidade do Porto;
slmfbaup@gmail.com

Nas décadas de 1930 e 1940, com a visão inovadora de Lucien Vogel como editor da revista *Vu*, do projecto editorial do jornalista húngaro Stefan Lorant, fundador das revistas *Lilliput* e *Picture Post* mas, sobretudo, com a refundação da revista *Life* em 1936, por iniciativa de Henri Luce, assiste-se no contexto internacional a um reinvestimento na imprensa ilustrada e consequente relançamento do fotojornalismo como veículo primordial para testemunhar e transmitir a essência da notícia. No contexto português, a crescente afirmação do meio fotográfico na imprensa faz eco destas iniciativas, adquirindo uma segunda orientação, próxima do ideário do Estado Novo e da materialização das políticas do espírito. A fotografia e o cinema convertem-se, neste contexto, em indispensáveis instrumentos de propaganda ideológica e de conversão dos descrentes, protagonizando distintas iniciativas editoriais e expositivas.

A comunicação proposta analisa álbuns fotográficos *Alguns aspectos da Viagem Presidencial às Colónias de S. Tomé e Príncipe e Angola* e *Alguns aspectos da Viagem Presidencial às Colónias de Cabo Verde, S. Tomé, Moçambique e Angola*, publicados em 5 volumes entre 1939 e 1940, pela Agência Geral das Colónias, identificando alguns dos fotógrafos que nela participaram, como é exemplo Firmino Marques da Costa, ou os responsáveis editoriais Luís de Montalvôr e José Osório de Oliveira, numa leitura comparativa com os filmes *Exposição Histórica da Ocupação* (1938) e *Viagem de Sua Excelência o Presidente da República a Angola* (1939), realizados no âmbito da Missão Cinegráfica às Colónias, por António Lopes Ribeiro.

A par da vocação e objectivos propagandísticos que tinham, demonstrando ao povo português e às potências europeias o sucesso da missão colonial importa, na extensa *foto-reportagem* em viagem que se publica nestes álbuns e filmes, destacar a experimentação visual adoptada, quer ao nível da irreverência dos enquadramentos, insistência das diagonais sem perda do domínio da profundidade de campo ou das figuras fora de foco que intencionalmente preenchem os primeiros planos, numa leitura comparativa entre ambos os formatos.

Frequentemente adoptados como meios privilegiados para mostrar e disseminar as estratégias expansionistas e de consolidação material dos impérios, nos álbuns fotográficos e filmes das *viagens presidenciais* importa recuperar um olhar crítico sobre estas imagens *fugazes*

e *triunfais*, comparar e reconhecer uma autoria cinematográfica, fotográfica e editorial, caracterizando ainda os formatos de circulação e discursividade que posteriormente os apropriam.

Susana Lourenço Marques (1975), designer (FBA.UP, 1999). É Professora Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto onde lecciona Fotografia e História da Fotografia. Mestre em Ciências da Comunicação com *Cópia e Apropriação da obra de arte após 1839* (2007), na FCSH.UNL. É doutorada em Comunicação e Arte na mesma Faculdade, com a tese *Fotografia-História, o pensamento em imagens. Contributos para a leitura de História da Imagem Fotográfica em Portugal, 1839-1997 como um hiperdocumento* (2016). Realizou o programa Recherches Doctorales Libres (2010/2011) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris). É autora dos livros *Lições de Hospitalidade* (2006) e co-editora de *Ag, reflexões periódicas sobre fotografia* (2009). Investigadora integrada no IHA (Instituto de História da Arte), tem realizado conferências e publicado artigos em revistas da especialidade, sobre Exposições e Livros de Fotografia e História da Fotografia em Portugal. Foi igualmente responsável pelo comissariado de exposições de fotografia como: "Plano Geral, Grande Plano" (2013), Casa da Memória, Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura; "Hacer de las tripas tripis: una selección del fotolibro español entre 2000 y 2015", FBA.UP, 2015; Quem te ensinou? Ninguém, de Elvira Leite, Pavilhão de Exposições, FBA.UP (2016).

Sessão 5

Palavra, Texto e Imagem

14h00 - 14h20

O Poema Tipográfico Subversivo. O desenho da tipografia e as estratégias linguísticas de subversão ideológica na obra impressa de Salette Tavares e de Ernesto Melo e Castro

Jorge dos Reis

CIEBA; Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa;
j.dosreis@belasartes.ulisboa.pt

A partir de 1964 aquando da publicação dos Cadernos de *Poesia Experimental* é reivindicada a terminologia Poesia Experimental Portuguesa, nascida de um portentoso apelo influenciador da Poesia Concreta brasileira. As intervenções poéticas dos portugueses evidenciavam um desejo de experimentação totalmente livre; uma libertação de dois factores de opressão: a literatura convencional linear juntamente com um contexto político muito rígido. Um dos suportes paradigmáticos desta altura foram publicações que se colocavam contra o regime. Verifica-se que uma parcela significativa da Poesia Experimental descola desta designação e aqui vamos passar a designá-la por Poesia Tipográfica. Este aspecto está ligado ao facto de que estes poemas utilizam a letra e esta letra tem uma forma. O conceito fundamental de Poesia Tipográfica assenta na concepção do desenho da letra, na escolha do tipo de letra do poema e na sua articulação sobre a página. O poema tipográfico é feito de letras, do seu desenho anatómico, da sua presença dentro de uma palavra ou no interior de um texto que se realiza com habilidade formal.

A Poesia Tipográfica dos poetas experimentais, em particular, de Ernesto Melo e Castro e de Salette Tavares, assenta numa estrutura fortemente ideográfica e ideológica, onde a composição visual, que utiliza exclusivamente letras, se baseia no princípio do ideograma onde o grafismo geral fornece a ideia e a estratégia de subversão política. O poema vale por si e representa uma ideia. É este princípio que aqui vamos encontrar na análise de alguns Poemas Tipográficos seleccionados destes dois autores. A materialidade da letra e da palavra é uma consideração essencial. Em determinados trabalhos de Ernesto Melo e Castro há um duplo princípio da tipografia, alterando os desenhos das letras através da sua propositada má impressão e alterando os sentidos de leitura, pois as letras não se encontram nos seus locais convencionais. Por seu turno, a poesia de Salette Tavares apresenta uma apurada consciência da linguagem tipográfica através de uma

estratégia tipográfico-visual dos grafemas na geografia da página. O seu trabalho de Poesia Tipográfica encontra dois tipos de suportes: a espacialização ou tridimensionalidade e a impressão sobre papel.

Jorge dos Reis, Designer Gráfico. Foi aprendiz compositor tipógrafo com um primeiro-oficial de tipografia da Imprensa Nacional numa antiga oficina tipográfica do Cais do Sodré. Iniciou o seu percurso projectual colaborando com o designer Robin Fior em Lisboa e com tipógrafo Alan Kitching em Londres. Estabeleceu-se em atelier próprio em 1996. A sua obra é extensa e diversa, tendo uma actividade dual enquanto projectista e artista: faz design gráfico e tipográfico, expõe desenho e pintura. Jorge dos Reis é Master of Arts pelo Royal College of Art em Londres, Mestre em Sociologia da Comunicação pelo ISCTE, Doutorado em Design de Comunicação pela Universidade de Lisboa; Professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes UL onde fundou e dirige o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Foi professor visitante na Norwich University of Arts, Universidade Liubliana, Berlin UdK e Weißensee, Academia de Bolonha, Universidade Aalto Helsínquia, Universidade Tampere, Karel de Grote Antuérpia, Marmara Istanbul, Academia de Veneza, Politécnico de Milão; No Brasil nas Universidades de Minas Gerais, Piauí, Ceará e Brasília.

14h20 - 14h40

Preparar o futuro": uma aproximação aos projetos e processos da Poesia Experimental Portuguesa

Mariana Marin Gaspar

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
marianagaspar@hotmail.com

É no contexto particular de um Portugal arredado dos focos inovadores da Europa do pós-Guerra, subjugado por uma ditadura retrógrada e censora, que em meados do século se assiste, num ambiente de pesquisa, experimentação e inovação gráfica, tipográfica e poética, ao surgir de uma poesia experimental que colhia "influências" várias, nomeadamente das poéticas concretistas pioneiras, brasileira e germânico-suíça, suas contemporâneas surpreendentemente sincrônicas, bem como da caligrafia ideogramática oriental, revelando também um conhecimento crítico das teorias estruturalistas, semióticas e da comunicação. De forma singular e fecunda, a poesia experimental afirma-se sob o signo da contra cultura, da contra imagem e do anti discurso, desde logo ao procurar transformar o poema num objeto visual e textual conceptualizado, mais próximo do leitor, e potenciar a leitura enquanto experiência-ação consequente, desde logo ao nível da atribuição de significados e da consciência crítica.

Salette Tavares, um dos expoentes da Poesia Experimental Portuguesa, publica em 1957 *Espelho Cego* (" (...) Eu leio o meu destino nos jornais (...) "), onde a estrutura gráfica revelava já uma intenção de destruturação do texto linear e uma apetência pela visualidade e espacialidade da escrita; desta década são os primeiros textos poéticos de autores como José-Alberto Marques, Ana Hatherly, António Aragão ou E.M. de Melo e Castro. Os anos 60 serão de afirmação social, cultural e crítica, com a publicação de um número significativo de obras individuais e coletivas - livros, revistas, antologias, como os álbuns OPERAÇÃO I e II, POESIA EXPERIMENTAL I e II e HIDRA I e II - acompanhada, muitas vezes, por exposições, *happenings* e conferências. Apesar dos inúmeros projetos editoriais e iniciativas e do acentuado crescendo de leitores de poesia, manteve-se predominantemente o labor individual e uma vivência relativamente marginal, causa e consequência de restrições editoriais, tiragens reduzidas, edições de autor e editoras de insipiente divulgação.

Na presente proposta de comunicação, decorrente do desafio lançado a partir de conceitos como: contra imagem e contra discurso, memória, percepção e montagem e de linhas temáticas como: interação entre texto e imagem, objetos editoriais híbridos, estruturas narrativas e comunicantes, publicações proibidas/censuradas, entre outras, procurar-se-á estimular uma leitura crítica da Poesia Experimental Portu-

guesa, do início da sua formulação enquanto revolução e libertação da linguagem e meio de resistência e de luta, até à atitude comprometida com a revolução de Abril.

Mariana Marin Gaspar, é licenciada em História da Arte pela FCSH/NOVA, com estágio curricular no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; é mestre em Comunicação e Artes pela mesma faculdade, com uma dissertação sobre os Encontros de Fotografia de Coimbra. É doutoranda e investigadora no Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA e bolsista FCT, com um projeto de tese sobre a interação entre texto e imagem na arte contemporânea portuguesa. Membro do IHA, integra o grupo de estudos artísticos contemporâneos e o Cluster de Estudos em Fotografia e Cinema. Colabora com o IGOT-UL no contexto do projeto ÁGORA - encontro entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades. Paralelamente participa num projeto de desenvolvimento cultural no campo das artes visuais sediado no Alentejo (EGA, Estudos Gerais de Alvito; Inter.Meada, Residências Artísticas).

14h40 - 15h00

A revista Panorama: imagem e texto ao serviço de um discurso

Ana Quintas

CITAD - Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design;
Instituto Lusíada de Investigação e Desenvolvimento;
Universidade Lusíada do Norte;
ana.quintas@gmail.com

Em Junho de 1941 saía para as bancas o primeiro número da *Panorama*, *Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), com direcção gráfica de Bernardo Marques, *Panorama*, tal como o seu nome indicava, pretendia fazer uma ampla cobertura de tudo o que dissesse respeito ao viver português, com destaque para a produção artística, erudita e popular, e para a produção industrial e capacidade construtiva. Em todas estas facetas o carácter único do ser português manifestava-se e dava-se a ver, ao estrangeiro, mas, primeiramente, a si próprio. Para dar visibilidade a esta produção, a revista socorria-se, para além do texto, de fotografias, desenhos, ilustrações e mapas. Daí o número de colaboradores da publicação ser extenso e incluir muitos escritores, fotógrafos e artistas que normalmente participavam nas iniciativas do Secretariado.

De que forma o texto e a imagem (fotografia, desenhos, mapas) contribuíram isoladamente e colaboraram entre si, nas páginas da revista, para dar expressão verbal e visual ao Portugal apresentado aos leitores? Uma vez que são muito raros os artigos que não são acompanhados por algum tipo de imagem, qual a importância desta na criação do discurso ideológico formulado pela *Panorama*? E qual é este? O objectivo do presente trabalho é dar resposta a estas questões ao analisar a relação entre texto e imagem em determinados artigos publicados entre 1941 e 1949, os anos em que António Ferro esteve à frente do SPN e que são usualmente considerados como os anos de ouro da revista. Esses artigos são de dois tipos: por um lado, aqueles que retratam iniciativas, governamentais ou não, em áreas como a indústria, obras públicas e obras sociais, uma vez que era a eles que caberia cumprir um dos objectivos anunciados pela *Panorama* no editorial do primeiro número, a saber, mostrar os feitos do Portugal contemporâneo, para contrabalançar com os feitos do Portugal passado; por outro, os que apresentam, em conjugação com o texto, fotografias e desenhos, interessando-nos, neste caso, perceber qual o lugar que estes dois géneros de imagens – a fotografia e o desenho – ocupam dentro do “mundo” construído pela publicação. Tendo em conta que uma revista é um produto híbrido, composta por imagens e texto coabitando de uma determinada maneira, e que essa coabitação não é aleatória mas sim o resultado de escolhas e de interesses.

Ana Quintas nasceu no Porto em 1972. Licenciou-se pela Faculdade de Belas Artes desta cidade, em Design de Comunicação (Artes Gráficas), em 1996. Concluiu o Mestrado em Som e Imagem, vertente Artes Digitais, na Universidade Católica do Porto, em 2001, com a dissertação *Alice, uma História Interactiva*. É doutorada em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese *Grafismo e Ilustração em Portugal nos Anos 40*, tese essa que contou com o apoio financeiro da FCT. É, desde 1999, docente na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada do Norte onde lecciona, tanto nos polos do Porto como de Famalicão, ao 1º ciclo do curso de Design. Pertence ao Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design (CITAD), do Instituto Lusíada de Investigação e Desenvolvimento.

15h20 - 15h40

Paredes Pintadas da Lunda - entre a etnografia, a ideologia e a arte

Teresa Matos Pereira

CIEBA; Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa;
CIED/Instituto Politécnico de Lisboa-Escola Superior de Educação;
teresa.peras@gmail.com

A publicação *Subsídios para a história, arqueologia e etnografia dos povos da Lunda - paredes pintadas da Lunda* da autoria de José Redinha, publicada em 1953, insere-se numa política editorial da Diamang (Companhia dos Diamantes de Angola) que através dos Serviços Culturais (que enquadraram a criação do Museu do Dundo) promoveu um vasto conjunto de publicações entre as décadas de 40 e 70 do século XX (mais precisamente a partir de 1946) que incidiram sobre história, etnografia, biologia, etc. das sociedades e da geografia física das zonas de exploração diamantífera (Lunda Norte e Lunda Sul).

A publicação resulta de um trabalho de recolha etnográfica do então conservador do Museu do Dundo, José Redinha que faz um levantamento das pinturas murais de habitações na Província da Lunda Sul (Distrito de Chitato) entre os anos de 1939 e 1943, com recurso ao registo fotográfico e à aguarela. O álbum seria impresso pela Bertrand Brothers, Inc. em Lisboa e conta com a reprodução dos motivos pictóricos em 102 estampas a cores através de serigrafia (utilizando inicialmente os mesmos pigmentos e pastas das pinturas originais). Cada estampa é acompanhada por indicações quanto à localização geográfica da pintura e respetiva descrição dos motivos/temas representados e é assinada pelo autor como se de uma obra de arte se tratasse.

O discurso visual da publicação assume-se como uma espécie de alter-texto onde a par da imagem fotográfica que situa no conjunto arquitetónico as imagens reproduzidas nas estampas, as pinturas são apresentadas de modo fragmentado sobre um fundo neutro, retangular, descontextualizadas e sujeitas a estratégias de "recomposição" - como uma interpretação/leitura pictórica das pinturas originais.

A presente comunicação procura deste modo analisar a obra *Paredes Pintadas da Lunda* considerando a sua dimensão comunicacional - enquanto objeto de divulgação de uma manifestação de arte popular em Angola - a sua dimensão histórica e ideológica - dado o contexto editorial em que se insere, as circunstâncias históricas e políticas da data e local de publicação bem como a função discursiva eu lhe está subjacente - e a dimensão artística já que o seu impacto vai muito além do campo da etnologia, tendo surgido como uma referência imagética e simbólica no contexto da criação artística que ultrapassa em muito a temporalidade da sua edição original e cruza discursos estéticos/artísticos, expositivos e ideológicos tanto em Portugal como em Angola.

Teresa Matos Pereira, Professora adjunta na Escola Superior de Educação de Lisboa Doutoramento em Belas Artes (Pintura), Mestrado em Teorias da Arte e Licenciatura em Artes Plásticas (Pintura) pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA-FBAUL) e do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED-ESELx). Desenvolve atividade artística e de investigação no âmbito das artes visuais e da educação artística (com a conceção e coordenação de projetos artísticos e de investigação em arte) destacando-se os seguintes interesses de investigação: Artes Visuais- Metodologias de ensino e intervenção artística na comunidade. Artes visuais, colonialismo e pós-colonialismo; Relação entre ideologia/poder/arte; Relações de Intervisualidade e Intertextualidade nas artes visuais; Processos de criação artística; Imagética do colonialismo português em particular durante o Estado Novo.

Sessão 6

Imagens e Contra-Discursos

16h15 - 16h35

Projectos Editoriais Contra-discursivos: Publicações em Fascículos, Livros Ilustrados & Fotografia Impressa nas Décadas de '1940 a '1960

Manuel Villaverde Cabral

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa;
mvcabral@ics.ulisboa.pt

Esta comunicação trata de um conjunto de projectos editoriais que veiculam discursos contra-discursivos textuais e visuais, os quais assumem, como tal, uma posição adversa ao Estado Novo e, simultaneamente, combinam em graus diversos o texto com a ilustração fotográfica. A comunicação será dividida em duas partes: a primeira dedicada à questão das edições em fascículos e a segunda aos grandes projectos editoriais com uso da fotografia impressa nos anos 1940 a '60.

Com efeito, desde a década de 'Trinta, um número relevante de livros de grande formato e recurso significativo a imagens fotográficas foi publicado em fascículos. Esta questão está por aprofundar mas é lícito salientar o recurso generalizado a essa modalidade editorial pela generalidade dos contra-discursos veiculados através de livros com fotografias impressas. Trata-se, obviamente, da questão do financiamento deste tipo de obras mas tal pode corresponder, ao mesmo tempo, a projectos editoriais programáticos como os de alguns escritores profissionais, por exemplo Raúl Proença ao lançar as *Estradas de Portugal* em nove fascículos com cerca de 1.000 fotografias (1932-) ou Ferreira de Castro ao publicar *A Volta ao Mundo em fascículos ilustrados* (1944). Um caso paradigmático de projecto editorial contra a Ditadura é o da revista «O Jornal do Fôro», cujo director e proprietário - o advogado Fernando Abranches Ferrão - usou o alvará da revista para editar em fascículos obras ilustradas como a *História Social da Arte e da Cultura* de Arnold Hauser (2 vols., 1954; 1958) e a *História da Cultura em Portugal* de António José Saraiva (3 vols., 1950; 1955; 1962).

Na segunda parte da comunicação, será abordada a obra de Maria Lamas, *Mulheres do Meu País* (1948-50), a qual conjuga o projecto de publicação em fascículos, o recurso à fotografia-impressa e o contra-discurso feminista (análise em vias de publicação). A concluir, serão analisados os discursos fotográficos bem como textuais do foto-livro de Costa Martins & Victor Palla, *Lisboa: Cidade Triste e Alegre* (1959) e da *Arquitectura Popular em Portugal* (Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961), ambos editados em fascículos. Estas duas últimas obras,

embora contemporâneas, revelar-se-ão todavia muito diversas e até divergentes quanto à relação entre o discurso textual e o discurso fotográfico, bem como à concepção da fotografia impressa. Com efeito, esta última é ilustrativa e «estetizante» no caso da *Arquitectura Popular*, enquanto no foto-livro de Martins & Palla ela funciona como imagem-em-movimento, ou seja, como um documentário que decorre virtualmente sem palavras.

Manuel Villaverde Cabral (1940) é actualmente Investigador Emérito do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa e possui uma obra vasta e multifacetada sobre a sociedade portuguesa desde o século XIX até ao presente, totalizando uma centena de títulos entre livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados em Português e diversas línguas estrangeiras. É licenciado em Letras pela Sorbonne e Doutorado em História pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Além de dirigente do ICS, foi director da Biblioteca Nacional e vice-reitor da Universidade de Lisboa, e é membro da Academia das Ciências de Lisboa bem como da Academia Portuguesa da História. No estrangeiro, foi investigador e professor visitante durante vários anos em St. Antony's College Oxford; King's College London; University of Wisconsin-Madison, USA; EHESS-Paris; e no antigo IUPERJ-Rio de Janeiro. Possui a Ordem da Liberdade e as Palmes Académiques de França. Entre os seus livros mais recentes, conta-se *Dimensões da Cidadania. A Mobilização Política em Portugal numa Perspectiva Comparada* (2014) e continua a publicar regularmente nos livros e revistas especializados sobre temas históricos, sociais, culturais e artísticos.

16h35 - 16h55

O projecto gráfico da revista Almanaque

Sofia Leal Rodrigues

CIEBA; Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa;
s.leal@belasartes.ulisboa.pt

No cólofon da *Almanaque* constam apenas dois nomes: Figueiredo Magalhães, então editor da Ulisseia, como director, e Sebastião Rodrigues como orientador gráfico. A revista contava ainda com o apoio de José Cardoso Pires, Sttau Monteiro, Alexandre O'Neill, Vasco Pulido Valente, José Cutileiro e Augusto Abelaira. A publicação assumia no intróito do primeiro número (1959) que a designação "Almanaque" podia ter "um certo sabor a ornato, a antiqualha e a papel amarelecido", quando na verdade, o seu intento era afinar com o "gosto moderno", o que implicava "tratar por tu" autores como Beckett, Ionesco, Françoise Sagan, entre outros. Com um leque de assuntos e de secções que não seguem propriamente uma lógica temática coerente, a publicação faz uso desse esquema relacional para testar diversas relações entre o texto e a sua expressão gráfica. Como projecto editorial, a *Almanaque* mantém uma tradição que advém dos magazines do primeiro modernismo português (e que perdura em publicações como a *Panorama*) ao conciliar, em termos imagéticos, recursos como a ilustração e a fotografia, num *layout* que adquire uma postura mais actualizada, fruto da assimilação regional dos ecos do International Typographic Style.

O objectivo da nossa comunicação dedicada à revista *Almanaque* é estudar e explorar as seguintes questões: os recursos gráficos e plásticos de Sebastião Rodrigues na concepção do projecto gráfico da revista; a natureza dos textos e a forma como estes motivam uma certa liberdade e expressividade gráfica ao nível do *layout*; a importância da utilização de diferentes recursos gráficos (como a ilustração, a fotografia, a montagem fotográfica e a exploração semântica da tipografia) para atingir diversas finalidades; a comparação da *Almanaque* com outras publicações nacionais e estrangeiras da época a fim de avaliar a sua originalidade; em suma, a importância desta publicação, tanto ao nível dos conteúdos como do projecto gráfico, na construção de um contradiscurso à ideologia do Estado Novo.

Sofia Leal Rodrigues, Doutora em Design de Comunicação (2012), Mestre em Teorias da Arte (2002) e licenciada em Design de Comunicação (1998) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Actualmente é Professora Auxiliar do grupo de Design de Comunicação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Lecciona no Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contem-

porâneas e no Curso de Doutoramento em Belas-Artes, Especialidade de Design de Comunicação. É investigadora do CIEBA - Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes da FBAUL; é membro da equipa do Projecto "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)" (PTDC/CPC-HAT/4533/2014). É autora de capítulos de livros e artigos sobre história e teoria do design. Desenvolve investigação nas áreas da história e da teoria do design e das práticas editoriais contemporâneas.

16h55 - 17h15

Portugal do outro lado do espelho: vozes, silêncios e imagens de um livro proibido

Susana S. Martins

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa;
susanamsmartins@gmail.com

Por razões diversas, as práticas da fotografia e da propaganda tendem a ser acompanhadas de um persistente sentido de desconfiança e suspeita. Este aspecto comum poderá, num primeiro momento, ajudar a explicar porque é que a relação entre as duas se veio a tornar tão poderosa e eficaz ao longo da história. Ambas operam numa zona intersticial marcada pela tensão entre o visível e o invisível, entre o que se revela e o que permanece velado, entre o que se mostra e o que não se dá a ver nem, conseqüentemente, a conhecer.

Neste sentido, a mobilização da fotografia pelo Estado Novo em Portugal, fortemente canalizada para fins propagandísticos, não é inédita nem exclusiva. Porém, ela foi particularmente bem entendida neste contexto: as imagens fotográficas, pelas suas qualidades aparentes de transparência e realismo, configuraram o meio adequado para apresentar uma realidade idealizada como se fosse uma prova documental. O controlo exercido sobre a imagem do país não está, contudo, apenas patente nas narrativas ambivalentes de progresso e ruralidade que marcaram grande parte das realizações expositivas, fotográficas e editoriais centralizadas na acção do SPN/SNI. A implementação e divulgação dos conteúdos desejáveis à nação foi, neste período, reforçada por uma verificação cuidadosa que simultaneamente impedia a circulação dos discursos e das informações considerados, a vários níveis, inconvenientes. Por outro lado, o frequente apoio e acompanhamento de jornalistas e fotógrafos internacionais que viajavam para Portugal nestes anos permitia também monitorizar, de outra forma, a imagem do país, condicionando os contextos de produção das próprias imagens e dos formatos editoriais em que elas circulariam.

Esta comunicação pretende examinar elementos desta história invisível e silenciosa, partindo da leitura de um caso concreto: o livro *Portugal* de Franz Villier, publicado em Paris em 1957 (e censurado em Portugal no mesmo ano) na colecção de livros de viagem *Petite Planète - Seuil*, à época editada pelo ainda jovem Chris Marker [1921-2012].

Para além do vulgar formato da colecção, este é um livro que, da forma de produção ao layout final, se afigura excepcional a vários títulos. Por um lado, será feita uma análise comparada com outras publicações fotográficas coevas, que permitirá demonstrar de que forma Marker utilizou a montagem e as especificidades da fotografia impressa para definir um contra-discurso desmistificador da solidez

das narrativas históricas e propagandísticas portuguesas. Por outro lado, através do recurso a documentação inédita, serão ainda debatidos aspectos conflituais relacionados com a recepção internacional deste volume.

Susana S. Martins, é Professora Auxiliar Convidada e Investigadora do Instituto de História da Arte, Universidade NOVA de Lisboa. Doutorada em fotografia e estudos culturais pela Katholieke Universiteit Leuven (KUL), Bélgica, ensina actualmente na área da fotografia e das artes visuais. A sua investigação tem privilegiado a história e a teoria da fotografia na sua intersecção com o campo das exposições, das culturas editoriais e das identidades nacionais. Publicou recentemente, com Anne Reverseau, o livro *Paper Cities. Urban Portraits in Photographic Books* (Leuven University Press, 2016). Membro do grupo de *Museum Studies* e do Cluster Estudos de Fotografia e Cinema do IHA, integra actualmente a equipa de investigação do Projecto FCT "*Fotografia Imprensa: Imagem e Propaganda em Portugal*".

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

17h35 - 18h25

Out On the Tiles with Ricardo Rangel

Paul Melo e Castro

University of Leeds; Faculty of Arts;

p.m.castro@leeds.ac.uk

In this paper I will discuss the work of Ricardo Rangel based on archival work in the Centro de Documentação e Formação Fotográfica in Maputo and his two main photobooks - *Ricardo Rangel Fotógrafo* - and, in particular, *Pão Nosso de Cada Noite*. In general, my argument will be that Rangel's image-making is concerned with the capture of what I call his 'divisive moment', both for its content and its conditions of production. Here Rangel's status as a mixed-race photographer in the highly racially hierarchised world of Estado Novo-era Mozambique is of particular pertinence. I will then go on to look in more detail at "Pão Nosso", examining how the book moves beyond the 'divisive moment' to simulate a "night out on the tiles" of the Rua Araújo that sharply critiques colonial racism and sexism but doesn't reduce white men to sexual predators or black women to lost victims.

Paul Melo e Castro, professor da Universidade de Leeds, Faculdade de Artes, trabalha sobre temas da literatura lusófona, cinema e cultura visual. Interessa-se pelo uso da fotografia e do fotojornalismo para fins de propaganda no regime do Estado Novo português (1926-1974). Mais recentemente investiga a contribuição do fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel na vida colonial da cidade de Maputo (Moçambique). Publicou, entre outros trabalhos, *The Eye of the Photographer and the Foot of the Flâneur: Eduardo Gageiro's Lisboa no Cais da Memória* (2003) (2012) e o livro *Shades of Grey: 1960s Lisbon in Novel, Film and Photography* (2011).

COORDENAÇÃO

Filomena Serra, IHA/FCSH/NOVA

Sofia Leal Rodrigues, CIEBA/FBAUL

COMISSÃO ORGANIZADORA

Filomena Serra, IHA/FCSH/NOVA

Paula André, DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL

Sofia Leal Rodrigues, CIEBA/FBAUL

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandra Quintas, CIAUD/FAUL

Ana Barata, FCG/ Biblioteca de Arte

Ana Canas, AHU/DGLAB, CH/ULisboa

Ana Guerreiro, CIAUD/FAUL

António Barrocas, CIEBA/FBAUL

Bruno Marques, IHA/FCSH/NOVA

Cândida Ruivo, CIEBA/FBAUL

Cristina Azevedo Tavares CIEBA/FBAUL; SNBA

Eduardo Cintra Torres, CECC/FCH-UCP

Eduardo Duarte, CIEBA/FBAUL

Fernando António Baptista Pereira, CIEBA/FBAUL

Filipa Subtil, ESCS-IPL

Filomena Serra, IHA/FCSH/NOVA

Goffredo Adinolfi, ISCTE-IUL

Helena Souto, UNIDECOM/IADE

Israel Guarda, IHA/FCSH/NOVA

João Paulo Queiroz, CIEBA/FBAUL

Jorge dos Reis, CIEBA/FBAUL

José Oliveira, DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL

José Guilherme Victorino, CEIS20/UAL

Manuel Villaverde Cabral ICS-UL

Margarida Acciaiuoli, FCSH/UNL

Margarida Brito Alves, IHA/NOVA/FCSH

Margarida Medeiros, CICDigital.pólo FCSH/NOVA

Maria João Gamito, CIEBA/FBAUL

Paula André, DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL

Patrícia Bento D'Almeida, DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL

Patrícia Gouveia, CIEBA/FBAUL

Sofia Leal Rodrigues, CIEBA/FBAUL

Wifredo Rincón García (Instituto de Historia/CSIC, Madrid)

Susana Martins, IHA/FCSH/NOVA

Victor Almeida, CIEBA/FBAUL

Vitor dos Reis, CIEBA/FBAUL

COMISSÃO EXECUTIVA

Israel Guarda, IHA/FCSH/NOVA

José Oliveira, DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL

Ana Francisca Bernardo, IHA/FCSH/NOVA

INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

IHA/FCSH/NOVA - Instituto de História da Arte,

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

DINÂMIA'CET-IUL-ISCTE-IUL - Centro de Estudos sobre a Mudança

Socioeconómica e o Território, ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa

CIEBA/FBA/UL - Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes,

Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa

FICHA EDITORIAL

CONCEPÇÃO EDITORIAL

Filomena Serra

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Filomena Serra, Israel Guarda, Sofia Leal Rodrigues e Paula André

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Bruno Marques e José Oliveira

IDENTIDADE GRÁFICA

Jorge dos Reis

DESIGN GRÁFICO

Mariana Facada

EDIÇÃO

Instituto de História da Arte Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa

INSTITUIÇÃO PARCEIRA

CIEBA - Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa

TIRAGEM

80 exemplares

DATA

2017

ISBN

978-989-99192-9-7

Nota: esta publicação seguiu o anterior Acordo Ortográfico. Exceptuam-se os casos dos autores cujos textos foram apresentados ao abrigo do novo acordo.

